



A AULA DE SOCIOLOGIA NA HORTA DA ESCOLA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR SOBRE A CULTURA INDÍGENA

DOI: 10.56579/eduinterpe.v1i3.2329

Raíssa Maia Bacos¹

¹Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora- PROFSOCIO- UFJF.
Professora de Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. E-mail:
raissa.bacos@educacao.mg.gov.br

RESUMO: O presente trabalho busca apresentar uma intervenção pedagógica realizada em uma escola estadual na cidade de Juiz de Fora- MG logo após o retorno das aulas presenciais, após a pandemia do COVID- 19. A intervenção se passa no ano de 2022 e usa como bases principais alguns contos indígenas e o livro “O índio que mora na nossa cabeça” para realizar uma breve discussão a respeito dos estereótipos criados e alimentados pela sociedade sobre os povos originários.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Metodologia Ativa; Prática Escolar.

INTRODUÇÃO

Para se entender a questão do etnocentrismo, é preciso discutir a questão cultural. Neste caso, as aulas tradicionais se apresentavam de uma maneira pouco interessante para os estudantes, que pediam um formato de aula diferenciado, mais interativo. Mas, como ensinar Ciências Humanas fora da sala de aula? A partir desta demanda, criou-se o projeto que envolvia diversas disciplinas e utilizava a horta da escola para conversar sobre a questão indígena no Brasil.

O projeto por sua vez, se dá da seguinte maneira: os estudantes possuem um tempo semanal na horta para o manuseio dos equipamentos e familiaridade com a terra e sua rotina, considerando a adubação, capina, cuidado estético, controle de insetos a partir do plantio intercalado correto, etc. Pouco antes do início da aula, é importante que seja feita a leitura de um conto indígena, de tema variado, para que possamos ter uma conversa breve sobre suas percepções. Em seguida, durante o processo do manuseio da terra, os assuntos a respeito da temática do dia vão surgindo, sendo trazidas uma série de curiosidades de maneira leve e descontraída. Em dias de chuva, acessamos sites que possam nos orientar a respeito da temática indígena, como localização, língua, população, etc.

Em um primeiro momento, a questão do debate cultural era o que parecia mais sensível para lidar com a turma, uma vez que a ideia criada massivamente a respeito do estereótipo indígena era motivo de piadas. Entretanto, diante deste desafio, este projeto se mostra mais necessário para a desconstrução de uma visão deturpada.

METODOLOGIA



A escola estadual escolhida para a realização da intervenção supracitada, está localizada na zona urbana da cidade de Juiz de Fora, em um bairro periférico da cidade. A escola, portanto, possui turmas de 1º do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Existe funcionamento pedagógico na escola durante os três turnos, recebendo estudantes na parte da manhã do 6º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio de tempo integral. No turno da tarde, se iniciam as aulas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental e a continuação das aulas do ensino médio. No período noturno, a escola recebe estudantes do ensino regular do ensino médio e estudantes de turmas para jovens e adultos.

O projeto em questão foi realizado em 2022 com uma turma de ensino médio, que se mostrava muito apática, com faltas frequentes e desmotivados quanto ao futuro.

Durante o ano letivo de 2022, os estudantes da escola em questão retornaram ao ensino presencial na sua integralidade, após o lockdown necessário durante a pandemia do COVID-19. Neste momento, os estudantes precisavam retomar a rotina escola, uma vez que, durante o período de ensino remoto, o acesso aos conteúdos se dava através de uma apostila virtual disponibilizada pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e as dúvidas deveriam ser tiradas com os professores através de um aplicativo. Infelizmente, a realidade dos estudantes não permitia que este formato tivesse o sucesso esperado, pois muitos não possuíam os aparelhos celulares e nem mesmo acesso a internet, tornando, então, o ensino no estado de Minas Gerais com uma defasagem enorme, elevando as desigualdades e o aumento significativo de evasão escolar de acordo com o INESC (2023).

Em função da pandemia do COVID- 19, os contatos presenciais precisaram dar lugar aos contatos virtuais. Como a escola é uma instituição importante da sociedade, também não ficou fora das regras de segurança de distanciamento social. Sendo assim, o ensino remoto se tornou global, promovendo um desafio para muitos e um empecilho para outros. Garantir o Ensino Remoto de qualidade

pressupõe um contexto social que nem sempre faz parte da rotina dos estudantes de escolas estaduais de Minas Gerais.

A fim de aproximar as relações, a Escola Estadual escolhida para a realização da intervenção, propõe aproximar-se dos alunos para que esse momento, tão delicado na vida de cada um, possa ser passado em conjunto, amenizado, então, as dificuldades que possam vir a surgir. A evasão escolar foi algo tão presente nos últimos anos, que gostaríamos de impedir que o mesmo ocorresse, ao menos, nesse número em 2022, pensando em atividades interdisciplinares e tornando a escola um espaço atraente



Retornar para a rotina escolar não foi algo simples em um primeiro momento, nem para estudantes e nem para professores. A palavra do momento era reinvenção das aulas, para conseguir a atenção destes estudantes que passaram uma boa temporada distantes da rotina tradicional. Diante deste desafio, os professores reuniam-se para pensar em alternativas que pudessem ser eficientes para aquela realidade. Alguns projetos foram surgindo e, em nosso caso, como professora de sociologia, iniciei um projeto transdisciplinar que pudesse promover outros espaços de aprendizagem, utilizando a horta da escola.

A inspiração para o projeto surge a partir do contato com o livro *O índio que mora na nossa cabeça*, que permite desconstruir o estereótipo negativo indígena que a sociedade construiu ao longo dos anos. De maneira geral e objetiva, o projeto seria uma busca por desconstruir este estereótipo, falando das suas relações culturais, das relações dos indígenas com a terra, entre outros aspectos relevantes e cabíveis para o formato disponível na escola. Alguns questionamentos presentes nos capítulos do livro são: “Quem você pensa que é o índio?”, “Indígenas no Brasil hoje”, “desigualdade territorial” eram alguns dos temas também discutidos nestes encontros.

O trabalho na horta, seria de reconstrução, uma vez que esta estava sem utilização durante o período de ensino remoto. Nos dias destas aulas, os estudantes se mostravam mais entusiasmados e sempre reforçavam que não gostavam de faltar para não perder a oportunidade de terem aulas neste formato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado ao longo do ano com os estudantes desta escola pode ter sido considerado um grande sucesso, uma vez que o objetivo foi superado. A ideia da educação bancária (FREIRE, 1968) se faz presente na grande maioria dos contextos escolares. Este conceito trabalhado pelo patrono da educação critica o formato apático que as escolas promovem suas aulas, tornando os conteúdos pouco atrativos ou muito conteudistas. A educação precisa ser interativa e dialogar com a realidade do educando, despertando nele a curiosidade do mundo e o interesse em perceber-se mundo. No conceito apresentado por Freire, a educação bancária é uma relação unilateral, em que o professor é o centro do conhecimento, que precisa passar para os estudantes como se fossem arquivos transferidos de uma pasta virtual. Neste caso, não há preocupação se os estudantes estão interessados no que está sendo “ensinado”, dito. Desta forma, acredita-se que o estudante não possui nenhum conhecimento a ser trocado com os professores ou os colegas de classe. O projeto busca exatamente o oposto: o estudante como centro do processo de aprendizagem. A autonomia adquirida a partir das



aulas neste formato tornaram os estudantes muito mais empáticos não só em relação à questão indígena, mas em relação aos diversos assuntos que surgiram ao longo destas aulas. Mas, também, ao milhares de questionamentos que virão a surgir nas cabeças pensantes desta turma, especificamente, e que o aprendizado pelo processo de pesquisa e pensamento crítico os auxiliará nesta busca constante de responder às suas dúvidas. Este processo pode ser solitário ou não, mas precisa ser trabalhado, instigado e compartilhado para que possam contaminar outras cabeças pensantes e curiosas, fazendo- os acreditar que são capazes de participar deste processo, que fazem parte da sociedade e podem transforma-la.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

INESC. Estudo sobre abandono escolar no Brasil. Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2023. Disponível em:
https://inesc.org.br/wpcontent/uploads/2023/10/estudo_abandono_escolar_inesc_malala-out2023.pdf. Acesso em: 24 nov. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em:
https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 12 nov. 2024.

MORAES, Wesley Aragão de. **Contos indígenas para crianças**. Pindorama, 2017.

PIMENTEL, Spensy. **O índio que mora na nossa cabeça**. Rio de Janeiro: Prumo, 2012.